



A PREPARAÇÃO PSICOLÓGICA PARA O COMBATE: UMA ANÁLISE DAS OPERAÇÕES NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO.

Cap Inf Augusto Machado da Silva
Ten Cel Sérgio Luiz Augusto de Andrade

RESUMO

Este artigo tem por finalidade registrar e divulgar o conhecimento alusivo ao preparo psicológico para o emprego real de tropas. Nos conflitos atuais, exige-se cada vez mais um preparo específico e efetivo da parte psicológica. Não se pode mais negligenciar a preparação de um aspecto sem o qual, pouco importa a qualidade de armamento que o soldado empunha. Existem diversas formas de se desenvolver uma resiliência mental nos combatentes. No entanto, é necessário desenvolver, inicialmente, a mentalidade do interesse e do desenvolvimento dessa capacidade.

Palavras-chave: *Preparação psicológica. Preparação para o combate. Neurociência. Psicologia de combate.*

ABSTRACT

This article aims to record and disseminate the knowledge alluding to the psychological preparation for the actual employment of troops. In today's conflicts, a specific and effective preparation of the psychological part is increasingly demanded. The preparation of an aspect without which, it doesn't matter the quality of armament that the soldier is wearing, can no longer be neglected. There are several ways to develop mental resilience in combatants. However, it is necessary to initially develop the mentality of interest and the development of this capacity.

Keywords: *Psychological preparation. Preparation for combat. Neuroscience. Combat psychology.*

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos armados da atualidade exigem cada vez mais preparação específica. Têm-se tornado mais complexos, exigindo uma maior observância de outros aspectos, que não apenas os ligados diretamente ao combate.

Os comandantes necessitam de uma percepção atualizada capaz de refletir a realidade sobre o qual estão imersos, isto é, a consciência situacional. Diante disso, os decisores terão melhores condições de planejar a preparação e o emprego das frações de forma proporcional à ameaça.

As mudanças na maneira de viver da população têm transformado o ambiente continuamente, gerando a necessidade de adaptação das operações militares e do combatente propriamente dito. As características dos conflitos de 4ª geração, como a volatilidade, a incerteza, a complexidade e a ambiguidade estão presentes em praticamente todos os tipos de operações em que se envolvem riscos aos executantes.

Essas características, associadas a outros fatores diretamente ligados ao combate como estresse e fadiga, exercem grande pressão psicológica sobre os militares.

Vê-se, na atualidade, uma grande preocupação com o desenvolvimento da parte técnica dos militares, com o objetivo de fazê-lo conhecer e se adaptar aos modernos meios disponíveis, bem como da parte tática, em que há a preocupação de como a tropa será empregada para obter resultados efetivos. Todavia, outro fator de extrema importância no combate é a preparação psicológica. Em uma operação militar de risco, como se observa por exemplo no emprego militar nos complexos de favelas da cidade do Rio de Janeiro, muitos são os fatores estressores. Claramente, pode-se exemplificar alguns deles como a pressão midiática exercida sobre os militares, o peso jurídico das operações - estabelecida pelas regras de engajamento -, a morte como hipótese de trabalho, o medo de não obter o resultado desejado e a

preocupação com efeitos colaterais das ações.

Poucas são as unidades militares que se preocupam com esse tipo de preparação; e, quando as têm, são realizadas em caráter bastante limitado, seja pela falta de conhecimento, de meios ou de tempo para colocá-la em prática.

Houve, nos últimos anos, um recrudescimento desse tipo de preparação, relacionada diretamente ao emprego do Exército Brasileiro (EB) em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) e na missão de paz no Haiti, principalmente em seu início quando os conflitos eram mais intensos. Contudo, o EB, de maneira geral, é pouco experimentado em combates reais, quando comparado aos que são empregados no Oriente Médio, África e aos que possuem ou possuíam graves conflitos internos, como a Colômbia.

Sabe-se, ainda, que a preparação psicológica, assim como a técnica e tática, pode ser desenvolvida nos militares para melhorar ainda mais suas capacidades combativas.

Há algumas décadas Jeff Cooper (1920 – 2006), considerado um dos maiores especialistas em armas de fogo do mundo, idealizou a chamada Tríade do Combate na qual ele elencava os três pilares do combate: habilidade de tiro, manuseio da arma e o preparo psicológico.

A tríade aborda aspectos de grande vulto para um combate, o desenvolvimento das técnicas, táticas e procedimentos (TTP) e o preparo psicológico. Esse autor considera os três pilares com importâncias iguais. Além da preparação técnica, a psicológica possui igual importância em um combate. Há bastante tempo, sabe-se da necessidade desse tipo de preparação, contudo, ainda hoje não há uma preparação psicológica pragmática eficaz, por exemplo, para se desenvolver habilidades de tiro.

Em razão de seu emprego, o Exército Brasileiro teve uma melhora considerável nos meios à disposição da tropa empregada em comunidades do Rio de Janeiro, assim como da



capacidade psicológica para o enfrentamento das ameaças, no entanto, muito ainda precisa ser feito.

Diante dessas premissas, chega-se ao seguinte questionamento: que contribuições podem ser obtidas nas operações de pacificação nas comunidades do Rio de Janeiro para o preparo psicológico dos militares?

Para isso, tem-se como objetivo geral apresentar adequações e melhorias na preparação psicológica dos militares, com base nas experiências das operações realizadas nas comunidades do Rio de Janeiro.

Com vistas a alcançarmos o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) apresentar como está o preparo psicológico da tropa, atualmente;
- b) apresentar que tipos de atividades que podem desenvolver a resiliência psicológica;
- c) identificar quais reações o estresse e a falta de preparo psicológico ocasionam nos militares;
- d) apresentar experiências do Exército Americano no desenvolvimento da capacidade psicológica;
- e) apresentar situações ocorridas por falta de preparo psicológico; e
- f) propor uma forma de preparação psicológica para empregos futuros dos militares.

O estudo destina-se a contribuir com o emprego futuro de militares do Exército Brasileiro em missões de alto risco, como em Operações de Paz, em Operações de Garantia da Lei e da Ordem ou qualquer outro conflito armado. Com isso, o principal beneficiário do trabalho serão os próprios militares empregados nessas atividades, pois terão condições de entender as reais necessidades exigidas por operações dessa natureza e, principalmente, como poderão se preparar de uma maneira mais efetiva para elas.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Foram realizados os procedimentos necessários para se chegar aos participantes de operações de GLO em áreas urbanas, no período compreendido desde a operação São Francisco até os dias atuais, no estado do Rio de Janeiro.

Buscou-se também obter as informações de interesse e analisá-las, contemplando a escolha do espaço do estudo, a seleção do grupo de pesquisa, o estabelecimento dos critérios de amostragem, como também a definição de instrumentos e procedimentos para análise dos dados. Para um melhor encadeamento de ideias, esta seção é dividida nos seguintes tópicos: objeto formal de estudo, amostra e delineamento de pesquisa.

2.1 Objeto formal de estudo

O presente estudo visa analisar a preparação psicológica dos militares EB, com enfoque nas contribuições advindas das operações militares nas comunidades do Rio de Janeiro.

Considerou-se como parâmetro as melhores práticas do 1º Batalhão de Forças Especiais (1º BF Esp), o emprego em ambiente urbano, as opiniões de militares possuidores do curso de Forças Especiais que atuaram em operações de cooperação e coordenação com agências, bem como opiniões de oficiais e sargentos do Exército que integraram pequenas frações convencionais de combate no período compreendido entre a operação São Francisco (2014 e 2015) e o término da intervenção federal no estado do Rio de Janeiro (2018). Para tanto, o estudo se limitou ao consentimento voluntário de participação por parte dos militares a partir de seus conhecimentos e suas experiências adquiridas.

2.1.1 Procedimentos para a revisão da literatura

A seleção das fontes de pesquisa teve fundamentação em publicações de autores de re-

conhecida importância em relação ao assunto e em documentos nacionais e internacionais.

A organização do método, a redação da revisão da literatura e a estruturação de um modelo teórico analítico, que viabilizou a solução do problema de pesquisa, foi realizada nos seguintes moldes.

2.1.1.1 Fontes de busca

Foram constituídas de documentos, tanto nacionais quanto estrangeiros:

- a) manuais militares de operações especiais do Exército Brasileiro;
- b) manuais de Campanha do Exército Brasileiro e dos Estados Unidos da América;
- c) manuais militares de operações especiais dos Estados Unidos da América;
- d) dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso e artigos científicos sobre adestramentos, técnicas táticas e procedimentos, preparação psicológica;
- e) relatórios de operações do 1º Batalhão de Forças Especiais;
- f) artigos científicos das principais revistas de assuntos militares;
- g) notas de aulas brasileiras de cursos e estágio que abordem o tema; e
- h) livros publicados por civis e militares.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, serão apresentados alguns aspectos relevantes sobre o tema do trabalho, os quais já foram pesquisados servindo de base para o desencadeamento e continuidade do assunto. Para isso, procurou-se pesquisar e apresentar apenas os aspectos mais importantes de cada assunto relacionado a este trabalho, de modo que se possa identificar outras necessidades e aspectos a serem complementados com a experiência prática de outros militares.

3.1 As operações nas comunidades do Rio de Janeiro

O desdobramento de tropas no Rio de Janeiro surgiu de uma necessidade maior de segurança, em razão da incapacidade estadual de manter a estabilidade na região, demandando e emprego de tropas federais em apoio. De acordo com o Manual de Campanha EB-70-MC-10.223, são denominadas Operações de Cooperação e Coordenação com Agências (OCCA). Essas operações são aquelas que normalmente ocorrem nas situações de não guerra, nas quais o emprego do poder militar é usado no âmbito interno e externo, não envolvendo o combate propriamente dito, exceto em circunstâncias especiais.

Elas, com maior frequência, eram caracterizadas por uma garantia da lei e da ordem. Contudo, por serem desencadeadas em um ambiente complexo, como os das comunidades carentes, onde existe a presença de atores não estatais e grande presença de civis, os riscos envolvidos são muito maiores.

O emprego militar nas comunidades do Rio de Janeiro tem permitido fazer uma análise da atual preparação psicológica e dos ganhos técnicos, táticos do Exército Brasileiro. A Força pôde experimentar, durante o período de atuação nas comunidades, uma situação bastante semelhante às guerras atuais, no que tange, além das TTP, à importância da liderança, da moral e da legitimidade.

A última dimensão do moral é a legitimidade da missão ou justiça da guerra [...] Falta de crença na missão levanta questões sérias sobre a validade do sofrimento ou de produzir sofrimento em nome de uma causa. Líderes de unidade devem “assegurar que os objetivos de uma operação militar sejam bem comunicados, legítimos e morais. Soldados e suas famílias devem ser convencidos de que os objetivos valem o risco de suas vidas”. [...] Com a experiência já obtida pelas tropas empregadas, deve-se com isso melhorar os processos e evoluir o que já foi ganho



na questão moral, focando nas “quatro dimensões do moral, esforços devem ser direcionados para produzir confiança em líderes, aumentar a coesão de unidades, instilar confiança no equipamento e do usuário nele próprio e reforçar a legitimidade da missão” (KENNEDY e ZLLMER, 2009, p.290).

Analisando o emprego do Exército Brasileiro nas comunidades do Rio de Janeiro, nota-se que em muito se assemelha aos combates não convencionais da atualidade; contudo, as perdas de militares em combate ainda não têm o mesmo peso de quando empregado em guerras. Com isso, entende-se que o Exército Brasileiro, apesar de estar sendo empregado, não tem a mesma maturidade de alguns outros quando o assunto é perdas em combate. Esse assunto é algo bastante estudado em outros países, e que necessita de preparação. Existem dados sobre o assunto desde as grandes guerras.

Os atores ficam menos ativos; e os figurantes, cada vez mais numerosos e passivos. As evacuações por problemas psicológicos ou fadiga aumentam. Em 1944, após cinquenta e quatro dias de operações continuadas na Itália, 54% das evacuações da 2ª Divisão Blindada americana deram-se por questões psicológicas. Depois de um mês de luta em Dien Bien Phu em 1954, um quinto da guarnição francesa havia “desertado no local” e esperou o desenlace dos combates ao longo do Rio Nam Youn. (GOYA, 2016, p. 44, tradução do autor).

Cabe destacar que o fato de a tropa experimentada ou não em combates reais, não é fator que irá definir o resultado do combate. É interessante que os chefes tenham ciência do como empregar suas tropas, de forma a obter o melhor resultado possível, com adestramentos e empregos graduais, conforme o grau de instrução e experiência de cada tropa.

No que toca à motivação das tropas novas, treinamento e batismo de fogo cons-

tituem um binômio a ser cuidadosamente administrado pelo comando. Engajar uma tropa inexperiente em um combate difícil pode “destruí-la” psicologicamente. Por melhor que haja sido a preparação da unidade, sua transição para o combate real deve ser gradual, em um processo quase didático, do mais fácil para o mais difícil. É preciso que as primeiras missões sejam simples e com boas chances de êxito, de forma que a confiança obtida nos campos de treinamento seja sedimentada pela experiência angariada no campo de batalha. Depois disso, missões mais difíceis e complexas poderão ser atribuídas à tropa, como resultado da confiança do comando em suas qualidades, agora comprovadas aos olhos de todos. (GOYA, 2012, p. 145)

A guerra moderna exige constante atualização, tendo em vista que sua dinâmica e suas motivações variam em razão da diplomacia, da economia, da situação psicológica e militares das partes beligerantes. Para tal, é importante que os militares tenham a devida preparação para enfrentar um inimigo que irá utilizar sua capacidade psicológica para vencer a batalha antes mesmo das ações ostensivas.

[...] a guerra moderna é de natureza quádrupla – diplomática, econômica, psicológica e apenas como último recurso, militar. Uma campanha militar pode ser perdida antes mesmo que o primeiro tiro seja disparado. De fato, pode ser de antemão decidida nas frentes preliminares da guerra econômica e psicológica. Um conflito pode ser travado com meios diferentes em terrenos diferentes. (FULLER, 1968, p. 75)

As operações militares no contexto de GLO, no Rio de Janeiro, foram envoltas em uma situação na qual o EB, por diversas vezes, não pode empregar toda sua capacidade, já que não se tratava de combate. Esse fato aparentemente simples, tornava o ambiente ainda mais complexo, fazendo com que seus atores, além da preocupação em garantir sua segurança e a de seu grupo, necessariamente, preocupavam-

se em não ocasionar danos colaterais, afetando ainda mais a parte psicológica do emprego.

Apesar da abnegada atuação dos militares empregados, notou-se a necessidade de adaptação deles ao ambiente, pois seu emprego era restringido por uma série de imposições jurídicas. Notou-se ainda um pequeno despreparo no que tange à capacidade psicológica de entender e absorver as situações de medo. Por diversas vezes, notou-se a ausência ou descontrole emocional diante de situações de risco, como troca de tiros com atores não estatais. A falta de controle emocional, foi observada em diversos postos e graduações, das mais diversas formas, desde a incapacidade de prosseguir em razão do medo até a inação total e incapacidade de coordenar os subordinados no terreno.

Em diversas oportunidades, nas comunidades do Rio de Janeiro, havia grande troca de tiros, em queera possível observar o real preparo psicológico das tropas. Viu-se, ainda, certa limitação na capacidade psicológica, quando por exemplo, um comandante de companhia, durante a operação São Francisco, diante de uma situação de perigo - em razão do medo e do descontrole emocional- ,não conseguia abandonar seu abrigo para coordenar sua tropa. Esse fato fez com que seus subordinados, reagissem de igual maneira. Em uma outra situação, nessa mesma operação, um pelotão de fuzileiros, ainda que com meios blindados, não conseguia avançar sua progressão por estar sendo alvo de diversos disparos de arma de fogo, tendo, diante disso, sido solicitado o apoio de militares de operações especiais para ajudar a cessar a ameaça em questão. Nesse contexto, dois militares de operações especiais foram alvejados e tiveram que ser evacuados. Diante disso,os militares do pelotão da tropa convencional viram-se em uma situação de total descontrole emocional, realizando um embarque não planejado, permanecendo embarcados e com escotilhas fechadas até que a situação fosse novamente estabilizada pelos operadores especiais.

Situações como as descritas anteriormente, não eram incomuns, no entanto, apareciam em maior ou menor grau dependendo do adestramento da tropa empregado.

3.2 Aspectos do treinamento militar

Ao longo da história têm sido realizados diversos estudos com o intuito de melhorar a efetividade do combatente nos mais diversos conflitos. Grossman (2004) aponta que houve uma evolução considerável na efetividade dos militares, principalmente, ligada àevolução dos treinamentos, voltados para uma abordagem mais realística, empregando, por exemplo, alvos semelhantes aos inimigos em combate, por meio de fotos, bonecos, alvos interativos, que caem ou produzem alguma reação e não apenas um círculo onde se deva acertar. O intuito é desenvolver um “condicionamento operacional”. Segundo ele, o processo de condicionamento psicológico é uma verdadeira revolução, permitindo um indivíduo superar a média e a aversão ao ato de matar, como descrito a seguir:

Psicólogos sabem que este poderoso tipo de “condicionamento operacional” é a única técnica que seguramente influenciará o processamento primitivo do mesencéfalo de um ser humano amedrontado, da mesma maneira que a condição de treinamento intensivo dos estudantes em responder corretamente durante o fogo, “estímulo-resposta”, e que condiciona pilotos assustados em simuladores de vôo, permitindo-lhes responder reflexivamente em situações emergenciais. (GROSSMAN, 2004)

Com um treinamento adequado, uma pessoa pode adaptar-se a essa situação, fazendo-a ter uma maior performance, ainda que com batimentos cardíacos elevados.

As pessoas, durante toda a sua vida, vivenciam situações de Stress e tentam lidar com essas realidades de diversas maneiras. A



tensão emocional e física que acompanha o Stress é bastante desconfortável e provoca grandes incômodos. É dessa maneira que as pessoas sentem que têm de fazer algo para reduzir o seu Stress. Este “algo” que as pessoas fazem, é o que está envolvido nos mecanismos de coping ou de adaptação ao Stress (SARAFINO, 1994 apud SANTOS, 1998).

Steadman (2011) aponta algumas técnicas de combate ao estresse já comprovada por militares e profissionais de segurança pública; uma delas é chamada “respiração tática”, que visa retomar a sensação de calma e controle, controlando o sistema nervoso simpático, diminuindo os batimentos cardíacos por meio do controle da respiração. A técnica consiste em respirar fundo algumas vezes, retendo o ar de três a cinco segundos. Durante a execução da respiração, deve-se visualizar o corpo relaxando e retomando a calma. Existe ainda uma outra técnica, que consiste em identificar a situação estressora e rotulá-la “o ato de identificar verbalmente as emoções, ou de tranquilizar-se em voz alta, aciona o córtex pré-frontal e dá início à recuperação de parte da energia do sistema límbico”. Palavra como “calma”, “foco” e “relaxe” podem contribuir para o autocontrole.

De acordo com Goya (2016), o medo pode ser atenuado, inconscientemente, mas certamente ele não desaparecerá completamente, ainda que se tenha bastante experiência em combate. Esse processo de ambientação e adaptabilidade às situações levam tempo, como descreve Paul Lintier, artilheiro em 1914:

De início, o perigo é um desconhecido... transpiramos, trememos... a imaginação o amplifica. Não raciocinamos... depois, passamos a discernir. A fumaça é inofensiva. O assobiar do obus serve para prever sua direção. Não nos agachamos mais em vão; só nos abrigamos quando necessário. O medo não mais domina, nós o dominamos. Essa é a verdade. [...] Cada dia nos conduz à coragem. Acostumado a perigos dessa natureza, o animal humano enca-

bita-se menos. Os nervos não trepidam mais. Com o tempo, o esforço contínuo e consciente para alcançar o autodomínio é recompensado. Essa é a bravura do militar. Não se nasce bravo, torna-se bravo. (Paul Lintier apud GOYA, 2016 p.43)

Grossman (2004) cita um exemplo disso da vida de RON E. AVERY (1956 - 2019). Ron Avery foi treinador de policiais e um excelente atirador de competições de combate na categoria de pistola, presente em três vídeos de instrução altamente bem-sucedidos chamados “Segredos de um Atirador Profissional”. Enquanto corria e atirava com batimentos por volta de 145 bpm, Ron estava em um ótimo nível de estimulação com um excelente rendimento, enquanto as outras pessoas, tinham seus rendimentos muito abaixo do que de uma zona de conforto. De acordo com Ron:

Com o treinamento apropriado e requisitos de condicionamento e prática, podemos alcançar habilidades que outros julgavam impossíveis. Existe todo um campo de possibilidades onde podemos ensinar e treinar [combatentes]. A aclimatação da tensão é medir doses precisas de tensão seguidas por ondas de recuperação e então repetir esses ciclos muito especificamente. Deve haver tempo para que a adaptação aconteça e haver muito treinamento, repetidos com o passar do tempo, para ajudar a fixar bem como reforçar o condicionamento. (GROSSMAN, 2004, p.24)

Esse tipo de treinamento é interessante para que o militar, assim como Ron Avery, possa manter uma boa eficiência mesmo estando em situação de desconforto e cansado. Contudo, as pessoas possuem diferentes aptidões no que se refere à capacidade física; portanto, deve-se ter atenção especial em fazer treinamentos individualizados, evitando comparar e padronizar taxas de batimentos cardíacos. Não se deve relacionar fatores fisiológicos com desempenho em combate, pois estes dependem de características individuais. As pessoas, cer-

tamente, apresentarão algum tipo de reação fisiológica quando em situação de estresse, seja ela qual for.

Goya (2016) aponta ainda que essa adaptação é relativamente rápida já que cerca de 20 dias em um combate de intensidade média podem deixar o combatente ambientado e deixar de temer as situações inusitadas do combate. Segundo ele, na campanha da França em 1944, as unidades americanas demoravam, aproximadamente, vinte dias para se adaptar. Dados como esse podem contribuir diretamente na preparação para um combate. Um combate de média intensidade pode ser simulado em adestramentos por exemplo. Os militares podem já chegar em um combate real, parcialmente ambientados, sem sofrer com as fases iniciais do medo, tonando-se mais efetivos e diminuindo os efeitos fisiológicos do estresse. Deve-se atentar, no entanto, para não expor, desnecessariamente, os militares a tempo excessivo no estado de alerta.

É extremamente importante que a realidade do combate seja colocada em prática durante um treinamento, pois as ações executadas em treinamento serão repetidas quando a situação assim exigir. O texto a seguir cita uma situação na qual um policial executou exatamente o que realizava em seu treinamento, fazendo-o agir com incorreção diante de uma ameaça:

Um policial americano em seu primeiro confronto com um bandido foi obrigado a atirar contra o malfeitor a uma distância de pouco mais de dois metros. Apesar de sua arma possuir seis cartuchos no tambor, ele por instinto só disparou cinco e errou todos. Em vez de tentar o sexto e talvez acertar o bandido, abriu o tambor para remover os cinco estojos vazios e o sexto cartucho e, a seguir, olhou para o chão, imóvel, enquanto o marginal aproximou-se e abateu-o com um tiro na cabeça. O inquérito revelou que o policial realizava durante muitos anos o percurso regulamentar do FBI, no qual era preciso disparar cinco tiros a uma distância de sete metros de um alvo imóvel, e a seguir, recolher os estojos para manter

a limpeza, bem como pô-los em uma lata colocada no chão. Submetido a intenso estresse, o policial agiu instintivamente e, em pleno confronto, procurou em vão a lata que deveria estar ali. (GOYA, 2016, p.98)

Em uma pesquisa realizada na Itália em 1944, 80% dos infantess americanos reconheciam o benefício do treinamento duro e realista pelo qual haviam passado, e muitos consideravam que deveria ter havido mais exercícios com tiros reais. (BOURKE apud GOYA, 2016). Cabe salientar que a justificativa da inexecução de atividades físicas ligadas ao combate e de tiros reais em razão de dificuldades logísticas e restrições orçamentárias não é uma realidade, pois são possíveis treinamentos como pistas de tiro, que exijam bastante da capacidade física e cognitiva, realizando alguns poucos disparos, que permitam a avaliação do militar se é o caso ou não disparar na situação imposta. A tecnologia e o conhecimento tornaram a execução dos treinamentos muito mais seguros, podendo-se hoje executar atividades de risco, sem acidentes de instrução.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A respeito da atual preparação psicológica da tropa, nota-se que há uma grande necessidade de melhoria, não diretamente relacionado ao fato de não estarem preparados, mas com relação à forma como tem sido realizada. Os militares de maneira geral, seja por uma característica social ou pela própria formação militar, não costumam desistir de seus objetivos, buscando se adaptar às mais diversas situações de emprego, sem que haja, contudo, um estado plenamente racional para agirem dessa maneira, ou seja, por vezes tomam decisões psicologicamente corretas, mas de maneira inconsciente. Em uma pesquisa realizada com a amostra deste trabalho 86,5% dos militares de tropas convencionais citaram nunca terem participado de treinamentos práticos voltado



ao preparo psicológico.

A maioria dos militares nunca realizaram treinamentos específicos para o desenvolvimento de sua capacidade psicológica. Cabe salientar que, atualmente, esse tipo de treinamento, quando é feito, trata-se de um efeito secundário a um outro, cujo foco não é a parte psicológica. Uma minoria respondeu que já participou de treinamentos. Os tipos de treinamentos foram pouco variados sendo que a maior parte deles foi relacionado a uma preparação para missão de paz. Exemplos de treinamentos apresentados:

- preparação para missão de paz no Haiti;
- dinâmicas de grupo no Centro de Psicologia Aplicada do Exército – CPAEx;
- pista de tiro sob estresse; e
- treinamentos voltados para a identificação da resposta fisiológica individual em diferentes situações de estresse.

As respostas apontam, ainda, que uma grande parcela dos militares é desacreditada na efetividade dos treinamentos atuais para uma situação real, cuja possibilidade de morte própria ou de um companheiro seja maior.

A pequena experiência em combate do Exército Brasileiro, o impede, atualmente, de enxergar a real necessidade desse tipo de preparação. As operações GLO, no Rio de Janeiro, são as que mais se assemelham a um desdobramento de um combate, pois em razão do risco envolvido, expõe os militares a uma grande exigência psicológica, pela possibilidade de enfrentamento com Agentes Perturbadores da Ordem Pública (APOP). A grande maioria dos militares da amostra acredita que as experiências obtidas em operações dessa natureza são importantes ou muito importantes. Contudo, essas experiências, podem apenas prepará-los parcialmente.

Notou-se que a dependência dessa experiência de emprego real, para o desenvolvimento da capacidade psicológica, não é o ideal. A sazonalidade das operações GLO impede um desenvolvimento contínuo da resi-

liência mental dos militares. Esse tipo de operação varia conforme a demanda na segurança pública do país, não podendo o EB se apoiar apenas nesse tipo de operação para o desenvolvimento de seus militares, necessitando desenvolver treinamentos e pesquisas voltadas para essa grande demanda de preparo.

Atualmente, o EB não dispõe de uma organização voltada, especificamente, ao desenvolvimento de capacidades psicológicas para o emprego operacional. Como essa é uma capacidade a ser desenvolvida no EB, julga-se interessante iniciar um trabalho, semelhante ao que é feito no Army Center for Enhanced Performance (ACEP) organização do exército americano voltada especificamente para o desenvolvimento dessa capacidade. A criação de um estabelecimento, onde se ofereça o desenvolvimento da capacidade psicológica, demanda bastante tempo, principalmente no desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao assunto. No entanto, julga-se interessante basear-se em pesquisas atuais e nas atividades desenvolvidas pelo ACEP para desencadear o processo de evolução da capacidade mental dos militares.

Ainda que os métodos atuais não sejam os ideais, as pesquisas e práticas relacionadas ao assunto permitirão seu desenvolvimento contínuo. O ACEP possui permeabilidade em vários ramos do exército americano, desde a formação do oficial aos cursos de especialização como de Forças Especiais. Seria importante ao EB, capacitar pessoal necessário para permitir a continuidade dos estudos nessa área, de modo a aumentar sua operacionalidade e mitigar os impactos dos efeitos psicológicos do combate.

Notou-se que os efeitos do estresse psicológico nos militares se apresentam das mais diversas formas. Quanto ao estresse de combate e às reações humanas ao estresse, foram observadas diversas situações que podem ocorrer em um combate. Algumas reações se apresentam de maneira mais recorrente por serem de mais fácil identificação, como exclu-

são auditiva e visão de túnel. Contudo, nota-se a necessidade de se ampliar os conhecimentos sobre o assunto, pois algumas pessoas acreditam que não apresentam reações, mas como é sabido, o ser humano apresentará algum tipo de reação em maior ou menor grau.

Além das características anteriormente apresentadas, diversos outros aspectos estão relacionados com o desempenho psicológico, como o autoconhecimento, a confiança e a coesão. Eles representam fortes fatores no desempenho individual dentro de um grupo e necessitam, no entanto, serem desenvolvidos continuamente durante os treinamentos.

Verificou-se que muitos militares, quando empregados em situações de risco, apresentam comportamentos que não se adequam às necessidades de resposta do Exército Brasileiro. Sabe-se, contudo, que o medo e outras reações resultantes do estresse de combate sempre se farão presentes, no entanto pessoas de um mesmo grupo, que tiveram o mesmo tipo de treinamento, quando exposto a uma situação de risco semelhantes, não deveriam apresentar comportamentos tão discrepantes uns dos outros.

De acordo com o testemunho de militares com experiência no emprego em GLO, alguns comportamentos caracterizam muito bem a falta de um treinamento psicológico adequado. Não se permite prever, atualmente, nenhum tipo de comportamento dos militares empregados, já que eles próprios desconhecem suas características.

Tem sido feito muito pouco na parte de psicologia, com o intuito de desenvolver essas capacidades nos militares. Algumas atividades são realizadas pelo Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx), no intuito de alertá-los para possíveis situações de estresse que podem ocorrer em missão no exterior, sem, contudo, capacitá-los, tendo em vista o pequeno tempo disponível.

A importância do assunto se apresentou incontestável, com clara necessidade de inculcar os conhecimentos básicos a todos os militares.

É interessante iniciar o preparo dos militares demonstrando a importância do tema, fazendo com que tenham informações necessárias para sua autoavaliação.

A neurociência aplicada ainda é bastante incipiente no Exército Brasileiro, estudos encontram-se em fase de execução. O IPCFEx conduz alguns deles, nos quais buscou-se investigar a influência do treinamento mental com desempenho no tiro ao alvo e a relação de estados afetivos com emoções, aptidão cardiorrespiratória e processos de tomada de decisão.

No que tange ao treinamento dos militares para o desenvolvimento psicológico, foram observados alguns aspectos importantes para seu desenvolvimento, para isso eles necessitam:

- a) iniciar com instruções para desmistificar aspectos emocionais, deixando claro que reações emocionais são naturais. O conhecimento das emoções facilitará o desenvolvimento da capacidade psicológica;
- b) iniciar de modo individualizado, com o intuito de ampliar o autoconhecimento e posteriormente realizá-los de forma coletiva; e
- c) desencadear reação de não querer errar, o que produzirá uma pressão psicológica e ações mais racionais.

Algumas técnicas se mostraram eficientes no desenvolvimento da resiliência psicológica como:

- a) conversa consigo mesmo;
- b) controle da respiração;
- c) foco no objetivo; e
- d) visualização mental.

Quanto ao preparo psicológico, notou-se que os entrevistados concordam que há uma necessidade de melhoria na capacitação psicológica, sendo que, praticamente, não há nada voltado ao desenvolvimento dela, atualmente. De acordo com os representantes das organizações diretamente ligadas a essa área como



o CPAEx e o IPCFEx, nos encontramos bastante atrasados no que tange à parte de psicologia operacional. Em uma rápida análise com países que vivenciaram uma realidade de frequentes guerras, nota-se que há uma grande preocupação com o desenvolvimento da psicologia voltada ao combate. De acordo com as experiências dos Estados Unidos da América, por exemplo, que dispõe de uma organização (ACEP), especificamente, voltada para esse aspecto, esse tipo de preparação é o “próximo nível”. A ACEP tem uma importância muito além do que imaginam os militares brasileiros, cujo último emprego em combate remonta a longa data.

O Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx) tem iniciado estudos ligados à neurociência, com intuito de entender e desenvolver a capacidade operacional. Ainda que incipiente, esse tipo de estudo é o que vai nos levar ao desenvolvimento operacional. Armas de última geração nas mãos de um militar incapaz de combater não fará diferença alguma para o êxito de qualquer missão. Os militares precisam tomar conhecimento dessa real necessidade muito antes de entrarem em combate.

Existem diversas maneiras de se desenvolver o psicológico dos militares, podendo variar de acordo com a criatividade na condução dos adestramentos. Há, contudo, que se entender algumas características desse tipo de adestramento, como as apontadas no tópico anterior. Com o objetivo final em mente, pode-se desenvolver diversas formas de chegar a ele. As observações dos entrevistados, quanto ao treinamento, corroboram com as ideias apresentadas na revisão de literatura. A sugestão da realização de treinamentos realísticos foi um aspecto considerado muito importante, que vai ao encontro do manual americano MCWP 6-11C/NTTP 1-15M Combatand Operational Stress Control. Empregando treinamentos, evita-se, dessa forma, uma grande quantidade de surpresas, as quais são o pior inimigo para a saúde psicológica. Treinamentos realizados

em diferentes locais, em diferentes situações e com exigência psicológica adequada, contribuirão, sobremaneira, para o desenvolvimento de habilidades mentais.

A falta de preparo psicológico adequado já levou militares a situações não desejadas, mesmo sem estar em combate. Operações de GLO, por definição, não caracterizam combate, apesar do risco envolvido. Foram apresentadas, nesse tipo de operação, uma série de comportamentos que, em tese, não são saudáveis aos militares, podendo, inclusive, comprometerem sua vida. Os problemas gerados em razão do preparo, efetividade, desempenho nas atividades e desempenho de suas atribuições foram claramente afetados pela falta de experiência prévia. Militares que, em razão do estresse, tiveram dificuldades em comandar sua fração, não conseguiam progredir, fugiram da cena e apresentaram irritabilidade, são fortes indicadores de uma real necessidade de melhoria no preparo. Sabe-se, contudo, que o ser humano sempre irá apresentar alguma reação diante de situações de estresse, mas com um bom treinamento é possível direcioná-la a um comportamento mais efetivo e saudável.

Como citado anteriormente, os soldados e suas famílias devem ser convencidos de que os objetivos valem o risco de suas vidas. O apoio e a preparação familiar, para uma possível situação de perda, são fundamentais para um bom desempenho das funções dos militares quando em missão real. A família deve estar pronta, de igual maneira, para uma possível perda familiar. O exército americano, por meio da ACEP, desenvolve programas para o preparo psicológico de civis, podendo ser familiares. A apoio familiar é um pilar muito importante na base psicológica do militar.

Alguns aspectos externos se mostraram bastante importantes para o desenvolvimento da resiliência psicológica. Um grupo coeso, o apoio familiar e religioso, podem ser a base da autoconfiança do militar. Com relação ao apoio religioso, ainda que o militar não seja ligado diretamente a esse aspecto, nota-se que

é uma base importante para a manutenção e o desenvolvimento da ética, além de um importante aspecto na diminuição da tensão em combate, diminuindo os efeitos da pressão psicológica.

5 CONCLUSÃO

Os treinamentos, no que tange às TTP, têm sido desenvolvidos de maneira bastante contundente. Contudo, a parte do desenvolvimento psicológico tem sido realizada como um subproduto de um treinamento principal. Muitos treinamentos, como: pistas de tiro, testes de reação de líder, cursos operacionais, entre outros, possuem uma parte voltada ao desenvolvimento da parte afetiva. Porém, claramente, observa-se o modo empírico como são desenvolvidos. De modo geral, os militares replicam tudo aquilo que já executaram, sem saber, contudo, a finalidade pela qual essas atividades são realizadas. Diversos estímulos são cobrados de alunos de cursos operacionais, por exemplo, sem saber ao certo o que cada um deles representa e como podem ser desenvolvidos. Não há um padrão comportamental, no qual se acredite que seja o ideal. Por vezes, os militares são exigidos muito aquém ou além do que precisam em determinado momento. Não se têm por base reações individuais que se apresentem como limites ao desenvolvimento progressivo de um militar. Atualmente, os treinamentos são desenvolvidos empiricamente, ou seja, quando os instrutores acreditarem que seja a hora de cessar a pressão psicológica, ela assim termina. Isso leva a uma possível involução, pois militares que teriam plenas condições de atingirem uma capacidade mental alta, ao serem pressionados excessivamente, podem criar um bloqueio mental ao realizá-la.

Entende-se que esse tipo de treinamento leva um tempo considerável e variado para atingir sua efetividade, já que cada militar apresenta uma característica comportamental distinta. Com isso, ele deve ser desenvolvido

ao longo de sua carreira, ao encontro de que muitos pensam, de que devam ser desenvolvidos em cursos operacionais. Qualquer curso operacional da atualidade, não dispõe tempo hábil para realizar essa evolução psicológica. Exigem um grau de comportamento e uma resposta psicológica que julgam necessário para o desenvolvimento da especialidade. Os militares que não atingiram o nível proposto de preparo durante sua formação, não terão condições e tempo suficiente para desenvolvê-lo durante a execução do curso ou estágio.

Verificou-se que, por diversas vezes, quando em uma situação de emprego real, os militares brasileiros apresentaram respostas psicológicas inadequadas para a situação, principalmente, ligadas ao despreparo. Não se pode afirmar que, ainda que tenham o treinamento adequado, todos os militares reagiram de maneira positiva em uma situação de estresse. Contudo, os estudos realizados pelo exército americano, por exemplo, apontam que os treinamentos quando realizados de maneira racional, para o desenvolvimento psicológico, permitem um enquadramento comportamental dentro dos limites que se julga adequado. Os estudos brasileiros ainda se apresentam bastante incipientes, mas em processo de evolução. Há, contudo, que se conscientizar os militares para que contribuam para a evolução dos treinamentos psicológicos, como os ligados a neurociência.

Por fim, este artigo visa recomendar algumas ações futuras para uma evolução natural do assunto:

- a) desenvolver pesquisas, no intuito de comprovar a efetividade de cada forma de adestramento apresentada por este trabalho, visando identificar quais tipos de treinamentos permitem desenvolver determinada resposta cerebral;
- b) mandar pessoal militar, com experiência em emprego real e com conhecimento de psicologia, incluindo neurociência, para realizar intercâmbios com exército



americano para desenvolver a atividade no Brasil. Por exemplo, para conhecer que tipos de atividades são desenvolvidas pela ACEP;

c) fomentar estudos civis nessa área, visando desenvolver o conhecimento da neurociência aplicada à operacionalidade;

d) desenvolver parcerias junto a faculdades de psicologia, de educação física, ligadas à psicologia do esporte, cujo viés se liga, parcialmente, com o desenvolvimento cerebral em situações de estresse;

e) desenvolver a certificação do Sistema de Prontidão Operacional da Força Terrestre (SISPRON), também, na parte psicológica;

f) ministrar instruções de neurociência aplicada, de cunho estratégico, permitindo aos escalões decisores do EB identificarem a importância do assunto, objetivando o levantamento de recursos ao desenvolvimento de pesquisas relacionadas a ele; e

g) ministrar instruções nas escolas de formação e nos centros de instrução do EB, visando desenvolver a mentalidade de preparo psicológico dos militares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA Cláudia Wanderley da Nóbrega Cabral de et al. **Transtorno por estresse pós-traumático como causa de acidente de trabalho**. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho. João Pessoa/ PB – Brasil, 2012.

ARAÚJO, Mario L. A. **Operações no amplo espectro: novo paradigma do espaço de batalha**. Doutrina Militar Terrestre. Brasília, DF, ed. 1. p. 16-27, jan-mar 2013.

BARTONE Paul T. et al. **Psychological Hardiness Predicts Success in US Army Special Forces Candidates**. *International Journal of Selection and Assessment* Volume 16 Number 1 March 2008.

BOURKE, Joanna. **Shell Shock during World War One**. Publicado na BBC History, Inglaterra, 2011. <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwone/shellshock_01.shtml

BRASIL. Exército. **EB 70-MC-10.223: Operações**. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. Ministério da Defesa. **Cenários de Defesa 2020 – 2039 – sumário executivo**. Assessoria Especial de Planejamento. Brasília: Assessoria, 2017. 64 p.

CORPS Marine. **MCRP 6-11C and NTTP 1-15M**, Combat Stress, 23 Jun 2000.

CHANNEL, **History; The Brain**; https://www.youtube.com/watch?v=8tSsc0kTf_o>; Acessado em: 22 Jun 2020.

DIAS, Émille Burity. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 24 julho de 2020.

FRANCI, C R. **Estresse: Processos Adaptativos e Não-Adaptativos**. In: ANTUNES-RODRIGUES J.; MOREIRA A. C.; ELIAS L. L. K.; CASTRO M.

Neuroendocrinologia Básica e Aplicada. Guanabara Koogan, 1 ed., 2005.

FULLER, John Frederick Charles. **A conduta da guerra de 1789 aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1966.

GOULART, Fernando. **Ação sob fogo: Fundamentos da motivação para o combate**. Rio de Janeiro, 2012.

GOYA Michel. Sob Fogo: **A morte como hipótese de trabalho**. Rio de Janeiro, 2016, p. 44.

GROSSMAN, Dave; CHRISTENSEN Loren W. **On Combat: The Psychology and Physiology of Deadly Conflict in War and in Peace**, Second Edition, Set. 2004.

KENNEDY, Carrie H.; ZLLMER Eric A., **Psicologia Militar: Aplicações Clínicas e Operacionais**, Rio de Janeiro, 2009.

MARTINS, Lilian Cristina Xavier. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 05 agosto de 2020.

MELO, Demétrius Alberto Azedo De. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 05 agosto de 2020.

PINHEIRO, Emmanuel Merlin. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 02 agosto de 2020.

SANTOS, Abel Matos; CASTRO João Jácome de. **Stress. Análise Psicológica** 1998, 4 (XVI): 675-690.

STEADMAN, Andrew. **Neurociência para comandantes combatentes: A liderança no campo de batalha moderno sob uma abordagem baseada no cérebro**. Military Review, Julho-Agosto, 2011.

TOLENTINO, Filipe de Carvalho. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 28 julho de 2020.

VISACRO, Alessandro. **Entrevista concedida a Augusto Machado da Silva**. Rio de Janeiro, 23 setembro de 2020.